

Pais de autor de chacina pegam até 15 anos de prisão

Sentença nos EUA foi considerada histórica por determinar negligência dos responsáveis legais em perceber sinais de alerta e culpa ao permitirem posse de arma por adolescente que atirou em escola em Michigan e matou 4 pessoas em 2021

James e Jennifer Crumley, os pais do atirador da escola de Oxford, no Michigan, foram sentenciados ontem a até 15 anos de prisão. Ambos foram condenados por homicídio culposo (em que não há intenção de matar) em julgamentos separados. A decisão encerra um caso criminal histórico nos Estados Unidos e que tem envolvido a comunidade local desde 2021, quando o filho do casal, um adolescente de 15 anos à época, levou uma arma para a escola e matou quatro estudantes, ferindo outras sete pessoas.

Os promotores pediram que os Crumleys cumpram os próximos 10 anos de prisão cada um. Incapazes de pagar a fiança de US\$ 1 milhão (R\$ 5 milhões), eles aguardaram o julgamento na cadeia por mais de dois anos — que contarão na execução da sentença. Já Ethan Crumley, o menor que cometeu o crime, foi julgado como adulto e condenado à prisão perpétua sem liberdade condicional em 2023.

— Não vou fingir que entendo do direito, mas eu sei o suficiente para dizer que vocês viram e ouvir o que vocês ouviram. Essas condenações não dizem respeito a má paternidade. Elas se referem a atos que poderiam ter parado um trem desgovernado — disse a

juíza Cheryl Matthews antes de proferir a sentença e se dirigir aos Crumleys: — Houve acesso irrestrito a uma arma de fogo e munição. Vocês glorificaram o uso dessas armas. Nos dois julgamentos, os promotores acusaram o casal de ignorar os sinais de alerta sobre o perigo potencial que Ethan representava. Eles também foram apontados como negligentes por permitir que o menor tivesse uma arma, comprada apenas dias antes do crime. Os pais do adolescente foram considerados culpados de quatro acusações de homicídio culposo, uma para cada estudante assassinado.

'TOTAL FALTA DE REMORSOS' Antes da audiência, os promotores disseram que Jennifer, de 46 anos, pediu para ser sentenciada à prisão domiciliar na propriedade de sua advogada, Shannon Smith. A defesa argumentou que Jennifer já havia "sofrido significativamente" e que "perdeu tudo", pois está "carregada com bagagem extra, sabendo dos atos horríveis que seu filho fez e sempre questionando cada escolha que fez como mãe". — Estou aqui hoje não para pedir o seu perdão, porque sei que pode estar além do alcance, mas para expressar minhas mais sinceras desculpas pela dor que foi causada — disse Jennifer no tribunal, dirigin-



Culpa compartilhada. James e Jennifer Crumley esperam o veredicto enquanto a advogada fala na corte em Pontiac

do-se aos parentes das vítimas. Para a promotora, embora tenha sido "o atirador quem entrou na escola e puxou o gatilho", há "outros indivíduos que contribuíram para os acontecimentos". A advogada de James, por sua vez, argumentou que ele não tinha como saber das intenções de seu filho. Os promotores, porém, disseram que os telefonemas dados da cadeia — incluindo

alguns em que ele teria feito ameaças a Karen McDonald, a procuradora que tomou a rara decisão de responsabilizar criminalmente os pais do atirador — são evidências de "total falta de remorso".

— Não consigo expressar o quanto desejo que pudesse saber o que estava acontecendo com ele ou o que iria acontecer, porque eu teria feito muitas coisas de forma

diferente — disse James. Os julgamentos dos Crumleys tornaram-se um ponto focal para questões de responsabilidade parental em um momento de alta visibilidade da violência armada por menores nos EUA. Nos últimos meses, pais em outros estados se declararam culpados por conduta imprudente ou negligência após seus filhos terem ferido ou matado outros com armas

de fogo. As acusações de homicídio culposo contra os Crumleys, porém, não tinham precedentes. Para especialistas, estas condenações servirão como um guia para responsabilizar os pais no futuro.

— Eles optaram por ficar em silêncio — disse Steve, pai de Hana, estudante de 14 anos morta no ataque. — Eles optaram por ignorar os sinais de alerta. E agora, como ouvimos com todas as objeções, eles continuam escolhendo culpar todos, menos a si mesmos.

ESCOLA FOI IGNORADA Segundo a promotora, um professor alegou ter observado que o jovem procurava munições na internet dias antes do crime. Segundo a acusação, os funcionários da escola chegaram a receber o alerta e tentaram entrar em contato com o pai do menino, mas sem sucesso. Jennifer não retornou o contato da escola, mas, segundo a NBC News, teria enviado uma mensagem ao filho que dizia: "Não estava brava com você. Você precisa aprender a não ser pé." Ataque a tiros contra civis têm se tornado cada vez mais frequentes nos EUA. Apenas em 2023, segundo o Gun Violence Archive, foram registrados 655 ataques com armas de fogo no país.

Com o New York Times

Venezuela: Maduro aparece 13 vezes na cédula eleitoral

CNE afirma que ordem considera o número de votos nas eleições parlamentares de 2020, contestadas por vários países e UE

Na primeira fileira inteira e mais três dispostas na segunda e na terceira, a cédula eleitoral, divulgada pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE) na segunda-feira, Manuel Rosales — que virou de última hora o principal rival de Maduro nesse pleito após o impedimento do registro de Corina Yoris como candidata da coalizão opositora — aparece em apenas três. O *tarjetón*, como é conhecido o documento, é formado por quatro fileiras e dez

colunas, nas quais os 37 partidos inscritos no órgão eleitoral foram distribuídos, juntamente com a foto dos candidatos (13 neste pleito) apoiados pela legenda.

OPOSITORES EMBAIXA A ordem das lacunas, segundo o vice-presidente do CNE, Carlos Quinteiro, considerou o número de votos nas eleições parlamentares de 2020 — que consagrou a vitória ao chavismo — ao conquistar a maioria, mas foi contestada pelo Brasil e outros 15 países da região, além da União Europeia. Na fileira de maior destaque — a primeira de cima para baixo e da esquerda para a direita — está o governista Partido Socialista Unido da Venezuela



Opositores. Cédula de destaque à figura do presidente diante dos rivais

(PSUV), seguido por todos os partidos que apoiam a candidatura de Maduro. Os partidos da situação também tomam duas lacunas na segunda fileira e uma na terceira. Considerado por analistas um candidato opositor "mais

aceitável para o governo", Rosales, que é governador do estado petrolífero de Zulia, só aparece na terceira fileira, sétima coluna, pelo partido *Un Nuevo Tiempo* (UNT). Sua imagem também aparece outras duas vezes na mesma coluna

pelo Movimento por Venezuela (MPV) e Força Vicinal. Já Edmundo González Urrutia, embaixador indicado pela Mesa de Unidade Democrática (MUD), da coalizão opositora Plataforma Unitária, está na segunda linha, quinta coluna. Ele aparece uma única vez na cédula. A escolha de Urrutia foi feita para preservar a sigla, enquanto a coalizão e María Corina Machado — principal opositora de Maduro, inabilitada por 15 anos — correm para escolher um candidato definitivo até 20 de abril, prazo final fixado pelo CNE. A oposição denuncia que não conseguiu realizar o registro de Yoris, indicada por María Corina como sua substituta, enquanto outros com menos

força nas pesquisas, inclusive Rosales, o faziam.

Faísas vizinhas, entre eles o Brasil, dizem acompanhar com preocupação o processo eleitoral, que deverá garantir mais seis anos ao chavismo, no poder desde 1999. Uma delegação da União Europeia chegou no domingo a Caracas para iniciar seu trabalho de observação das eleições, e em breve chegarão outras do Centro Carter e da ONU.

EX-MINISTRO É PRESO Ontem, o procurador-geral da Venezuela, Tarek William Saab, anunciou a prisão do poderoso ex-ministro do Petróleo Tarek El Aissani, vinculado a um esquema de corrupção que teria desviado milhões da petroleira estatal PDVSA. El Aissani, de 49 anos, foi homem de confiança de Maduro, de quem foi vice (2017-18), e de Chávez, e estava desaparecido desde que renunciou ao cargo em março de 2023.

Ex-vice do Equador preso tem overdose de medicamentos

Jorge Glas tomou grande quantidade de ansiolíticos, antidepressivos e sedativos

Preso na última sexta-feira durante uma invasão policial na Embaixada do México em Quito, o ex-vice-presidente do Equador Jorge Glas — condenado em seu país por corrupção — foi hospitalizado após sofrer uma overdose de ansiolíticos, antidepressivos e sedativos, segundo um relatório policial ao qual o jornal El País teve acesso. O político ficou em observação

médica por várias horas no Hospital Naval em Guayaquil e voltou à prisão na tarde de ontem. Segundo seus advogados, ele está estável.

RECUSA A COMER A violação da soberania mexicana suscitou uma onda de críticas por parte da comunidade internacional, que acusa o presidente Daniel Noboa de não respeitar a Convenção de Viena, que protege estabelecimentos diplomáticos. O

México rompeu relações com o Equador após o incidente. Na segunda-feira, o advogado de Glas, Andrés Villegas, explicou, em nota, que o diretor do presídio lhe informou que o ex-vice não apareceu na contagem inicial. Os funcionários, então, entraram em sua cela às 8h30 e o encontraram "desacordado". Glas não quis comer nada nas 24 horas anteriores. O político, de 54 anos e a quem o México concedera asilo, "sofreu uma possível des-

compensação por se recusar a consumir os alimentos oferecidos" na prisão, informou o Serviço Nacional de Atenção Integral aos Adultos Privados

de Libertade (SNAI), órgão penitenciário estatal, que ontem indicou que Glas apresentava "parâmetros de saúde estáveis e dentro da normalidade" e poderia receber alta. Vinicio Tapia, um dos advogados de Glas, comentou à AFP que foi impedido de falar com seu cliente.



Captura. Policiais conduzem o ex-vice Jorge Glas na transferência para a prisão de segurança máxima La Roca, em Guayaquil